

# CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.  
E se mais mundo houvera, lá chegara.  
CAMOES, e, VII e 14.

**Diretor-Geral**  
Paulo Cabral de Araújo

**Diretor-Superintendente**  
Edilson Cid Varela

**Diretor-Responsável**  
Ari Cunha

**Editor-Geral**  
Ronaldo Martins Junqueira

**Gerente-Geral**  
Alberto de Sá Filho

**Gerente Financeiro**  
Evaristo de Oliveira

**Gerente Técnico**  
Ari Lopes Cunha

**Gerente Comercial**  
Mauricio Dinepi

## Missão urgente

*Educação*

No Brasil, até fins dos anos 50, o ensino público era dos melhores. O antigo Primário ostentava bom nível, embora as elites discriminassem o velho Grupo Escolar, considerado restrito aos pobres. Já no Ginásio e também no Colégio acontecia o inverso em termos de preferência: as classes abastadas demandavam as vagas gratuitas do tradicional Pedro II (Rio) e dos conceituados Presidente Roosevelt e Álvares Penteado (São Paulo), dentre outros estabelecimentos que em vários pontos do território nacional impunham-se por históricos escolares rigorosos e pela qualificação dos professores.

Com a inauguração de Brasília, cujo plano educacional de 1960 estava à altura da função civilizadora de uma cidade de características revolucionárias em amplo sentido, a escola pública ganhou primazia sobre a particular. A Escola-Classe passou a atrair indistintamente ricos, remediados e pobres que de modo democrático conviviam em suas quatro séries. E no Secundário o mesmo ocorria com os prestigiados Elefante Branco, Caseb etc.

Foram tempos privilegiados que por infelicidade duraram pouco. A medida que avançava a década de 60, o ensino em todo o País enredava-se em gradual e acentuado processo degenerativo ao qual Brasília não ficou imune. Seguidas administrações do Distrito Federal, omissas e irresponsáveis, deixaram à deriva o ensino público, até o li-

miar do caos. A confusão engolfa desde o campo material até o de recursos humanos. Muitas escolas estão convertidas em ruínas e os professores, aviltados, n-ao se vêem motivados para o exercício pleno de suas dignificantes tarefas.

Mas ainda há esperança. O Governo local demonstra ânimo para enfrentar o problema e procura solução. Durante toda esta semana, quer esmiuçar a área educacional, diagnosticar os seus males e de imediato adotar um programa de emergência para saná-los.

A administração brasiliense de agora não vai ter dificuldades para identificar as profundas deficiências do setor educação. Grave e duro é o trabalho de corrigir erros acumulados por anos a fio, de recuperar um sem número de escolas e de valorizar o pessoal docente, bem como inspetores e funcionários em geral.

Será uma ação contra o relógio, desde que o governo Roriz dispõe apenas de um ano e pouco para atacar questões preocupantes em searas de relevância. Porém, se houver vontade férrea e verdadeiro empenho do Poder Público para cumprir seu dever numa esfera prioritária como a educacional, Brasília poderá em breve reassumir legítima posição de liderança no esforço de bem preparar a sua juventude. Para isso, urge o reencontro com a destinação desta cidade concebida para apontar rumos ao País. O encargo é pesado, mas vale a pena.